

Trabalho de Campo I – Profa. Dra. Valeria de Marcos

Texto 23 – item 5.3 aula 10

HABERMEIER, K. Diagnóstico Rápido Participativo. Recife: Sactes/Centro Sabiá, 1995, 71 p.

35 cópias

2

COMO FAZER

**DIAGNÓSTICO  
RÁPIDO E PARTICIPATIVO  
DA PEQUENA PRODUÇÃO**

**sactes**



Recife  
1995

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Características Gerais de um Diagnóstico Rural.....	11
Preparação do Diagnóstico.....	15
Pesquisa de Campo.....	23
Trabalhando a Informação.....	37
Da Pesquisa a Intervenção Agroecológica.....	43
Anexos.....	47

### Como fazer Diagnóstico Rápido e Participativo da Pequena Produção Rural

Kurt Habermeier

Copyright 1995

SACTES/DEI - Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social

Rua Joaquim Felipe, 101 - Boa Vista

Caixa Postal 1655 - CEP 50.050-340 Recife - PE

Fone (081) 221.3064/221.0075 - Fax (081) 222.1959

em coedição com

Centro de Desenvolvimento Agroecológico *Sabiá*

Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite CEP: 50.070-390 Recife - PE

Telefone (081) 221.1338

Assessoria Editorial:

Movimento Produção e Cultura

Rua José de Alencar, 44 Edf. Embassador - Sala 53

Fone: (081) 221.0219 - Boa Vista - Recife - PE

Diagramação/Editoração Eletrônica:

Karine Raquel

Capa:

Jorge Verdi

Revisão:

Vanderlúcia Silva

Apoio:

ICCO, Misereor e Sactes

Impressão:

Recife - Gráfica Editora

Fone: (081) 21.5755

H114d

Habermeier, Kurt.

Diagnóstico rápido e participativo

da pequena produção rural: como fazer

/ Kurt Habermeier. - Recife : SACTES,

Centro Sabiá, 1995.

72p.

I. DIAGNOSTICO DA PEQUENA PRODU-

ÇÃO RURAL.- MANUAIS. 2. DIAGNOSTICO

DA PEQUENA PRODUÇÃO RURAL.- METO-

DOLÓGIA.

I. Título.

C D U 631.15

PER-BPE/PCB

As organizações não governamentais brasileiras que se propõem a assessorar e apoiar a pequena produção rural no desenvolvimento de sistemas agrícolas autossustentáveis, na perspectiva da construção de um novo modelo agrícola, vem identificando a temática *diagnóstico rural* como uma chave importante para intervenções mais eficazes e duradouras. Nesta direção, várias entidades da Rede PTA Nacional tem realizado formulação de métodos mais adequados para se conhecer melhor a realidade em que atuamos.

O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá compreende que é fundamental avançarmos em propostas mais seguras, com o mínimo de risco para a pequena produção rural, sendo assim imprescindível termos instrumentos metodológicos que nos ajudem a reconhecer bem a realidade para poder transformá-la. O *diagnóstico rápido e participativo da pequena produção rural* foi o método utilizado pelo Centro Sabiá para estudar a realidade do município de Bom Jardim, no Agreste de Pernambuco. O diagnóstico foi realizado em conjunto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim, acompanhado diretamente pelo pesquisador Kurt Habermeyer, membro da Equipe do Centro Sabiá e cooperante do Sactes. O diagnóstico se desenvolveu em 1992 e, no ano seguinte, iniciou-se a implementação das primeiras ações à luz do próprio diagnóstico, concluído na sua estrutura macro, embora seja constantemente revisito e ajustado em função das novidades próprias da dinâmica da realidade.

Esta publicação apresenta o "como fazer" o diagnóstico, o método, resultado da experiência desenvolvida em Bom Jardim, envolvendo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Centro Sabiá e especialmente, as comunidades de Umari, Sítio Altos e Paquevira. Neste "manual", Kurt Habermeyer descreve os passos percorridos pela pesquisa, tanto na sua compreensão teórica, como na prática vivenciada em Bom Jardim. Assim em cada bloco há uma sistematização do procedimento a adotar e um relato de como foi realizado cada passo. O "manual" está acompanhado dos anexos composto pelas fichas, questionários e roteiros utilizados em Bom Jardim.

Este trabalho é uma sistematização cuidadosa de uma proposta metodológica testada e validada pelo Centro Sabiá. É um instrumento que pode contribuir no intercâmbio sobre diagnóstico rural, temática tão atual e necessária à nossa atuação. Esperamos que a circulação desta publicação possibilite um crescimento das idéias e das intervenções sobre método de diagnóstico, tanto dentro quanto fora das ONG's.

Recife, maio de 1995

Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá.

Há trinta anos, o Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social - SACTES atua no Brasil, atualmente em quase oitenta projetos de desenvolvimento social através de pessoal técnico e profissionais qualificados. Como instituição de cooperação internacional da República Federal da Alemanha, em grande parte o SACTES coopera em projetos de organizações da sociedade civil, como movimentos sociais e ONG's, nas áreas de Emprego e Renda, Formação Profissional, Produção e Comercialização de Produtos dos Pequenos Produtores do Meio Rural e Urbano, Comunicação e, de modo especial, da Promoção da Mulher.

Nos últimos anos, o SACTES se preocupou com a questão metodológica no processo de execução dos projetos em que coopera. Ofereceu aos seus técnicos cooperantes e aos parceiros brasileiros oportunidades de se capacitarem nos mais diversos métodos de planejamento, monitoramento e avaliação. O processo de aprendizagem, ao se confrontar com as questões metodológicas, levou o SACTES a pensar em elaborar e publicar textos e sistematizações sobre metodologias participativas. Para isso, vem recorrendo às pessoas de seu relacionamento, que há tempo se preocupam e desenvolvem as mais variadas metodologias participativas. Por outro lado, várias experiências práticas tem sido sistematizadas pelas entidades em sua atuação no cotidiano dos grupos populares, tanto na cidade como no meio rural.

Mergulhando no universo das metodologias viu-se que certamente, num futuro próximo, surgiriam outras questões mercedoras de um tratamento de debate mais amplo, como por exemplo, a questão da organização ou do desenvolvimento institucional ou novos ângulos da participação. Para garantir este espaço futuro o SACTES optou por criar uma coleção, intitulada: *Série Metodologias Participativas*, publicando agora seu segundo número - *Como Fazer Diagnóstico Rápido e Participativo da Pequena Produção Rural*.

Recife, maio de 1995

SACTES - Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social

## INTRODUÇÃO

O presente manual é resultado de um diagnóstico da pequena produção rural realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim e pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá<sup>1</sup>, durante o ano de 1992. Esse diagnóstico foi o primeiro passo de um processo de cooperação que progrediu para a implementação de um programa municipal de intervenção agroecológica.

A experiência do trabalho com a pequena produção rural mostra que técnicas, mesmo testadas e aparentemente apropriadas, muitas vezes não são adotadas pelos agricultores. Não porque os

---

<sup>1</sup> Então Projeto Tecnologias Alternativas Pernambuco/Paraíba, vinculado ao Centro Josué de Castro. O PTA PE/PIB transformou-se em Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá em julho de 1993.

camponeses sejam conservadores ou tradicionalistas, mas, porque as propostas não correspondem à realidade e à lógica do sistema de produção.

Assim, qualquer programa de intervenção junto aos pequenos produtores rurais necessita de um conhecimento do contexto sócio-econômico, do agroecossistema, do sistema de produção, do mercado e dos canais de comercialização.

Geralmente, os dados secundários existentes são insuficientes e demasiadamente genéricos. Em função disso, há a necessidade de se fazer uma pesquisa de campo para levantar a informação necessária. Os métodos de pesquisa acadêmicos não respondem, porque são demorados, caros, extremamente especializados e teóricos. Como alternativa, foram desenvolvidos nos anos oitenta, essencialmente em países da África e da Ásia, vários métodos de diagnóstico rápido da realidade rural.

No Brasil, a discussão sobre a necessidade de se trabalhar com diagnóstico e sobre como fazê-lo foi introduzida e promovida, principalmente, pela AS-PTA, que propõe o conceito de DRPA - Diagnóstico Rápido Participativo de Agroecossistemas. Com a assessoria da AS-PTA, foram realizados DRPA's por várias entidades da Rede PTA, em vários estados do Brasil, a exemplo do CTA Zona da Mata, em Minas Gerais; da Associação Agroecológica Tijupá, no Maranhão; e mais perto de nós, do ESPLAR junto ao Sindicato de Tauá, no Ceará.

O objetivo e conteúdo geral dessas diferentes experiências de diagnóstico é essencialmente o mesmo. O que difere são as metodologias propostas e experimentadas. Por definição, o diagnóstico rural rápido e participativo é um instrumento flexível, que deve ser adaptado de acordo com a realidade trabalhada, com os objetivos específicos definidos, e com a disponibilidade de tempo e de pessoal.

Não pretendemos, portanto, caracterizar a metodologia escolhida por nós e aplicada em Bom Jardim como a melhor. Acreditamos que a nossa experiência foi valiosa e suficientemente interessante para ser resgatada, sistematizada e difundida. Talvez o seu maior mérito seja o fato de que a pesquisa foi essencialmente realizada por atores locais, lideranças e jovens escolhidos e capacitados nas próprias comunidades rurais, orientados por apenas um diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim e por um técnico do Centro Sabiá.

Esperamos que o presente manual venha contribuir com o trabalho de sindicatos rurais e ONG's que pretendam conhecer melhor a realidade da pequena produção rural, e assim, intervir com maior eficácia. Desejamos que esse registro represente um instrumento de trabalho útil aos nossos parceiros da Rede de Intercâmbio em Pernambuco e Paraíba, bem como à Rede PTA Nordeste e nacional.

Agradecemos a todos que contribuíram no processo de discussão e realização do diagnóstico da

pequena produção rural no município de Bom Jardim. Agradecemos à Equipe do Centro Sabiá, à Diretoria do STR de Bom Jardim e, especialmente, ao dirigente sindical Orlando Pereira Barbosa. Finalmente, agradecemos às lideranças comunitárias e aos jovens das comissões de pesquisa de Sítio Altos, Umari e Paquevira, que se engajaram com entusiasmo e dedicação nesse trabalho novo de descoberta da sua própria realidade.

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DE UM DIAGNÓSTICO RURAL

Assim como um médico, antes de receitar seu paciente, deve diagnosticar a doença e descobrir as causas dos sintomas sentidos pelo doente, os atores de um programa de desenvolvimento rural, antes de propor soluções técnicas e organizacionais, devem analisar o sistema de produção e perceber as causas dos problemas identificados. A opção por fazer um diagnóstico da pequena produção rural significa partir sempre do conhecimento da realidade para poder transformá-la com eficácia.

Um diagnóstico da pequena produção rural é uma pesquisa sobre o agroecossistema e a realidade sócio-econômica do campo. Porém, esta pesquisa apresenta uma série de diferenças em relação a outras formas

de pesquisa, sobretudo, à pesquisa acadêmica praticada pelas universidades.

Quais são, então, os princípios e as características gerais de um diagnóstico da pequena produção rural? Ao nosso ver, esse tipo de estudo deve ser rápido, simples, participativo, prático e provisório.

**Rápido:** É uma noção bastante relativa, e muitas vezes um diagnóstico rural precisa de mais tempo para ser concluído do que o previsto inicialmente. Mas, o diagnóstico não deve levar anos, como geralmente acontece com a pesquisa acadêmica. A realidade pesquisada está em constante transformação e os agricultores necessitam de respostas práticas aos seus problemas em curto prazo.

**Simple:** Enquanto a pesquisa universitária requer investigadores altamente especializados, a metodologia do diagnóstico deve ser acessível ao pessoal que trabalha com a pequena produção rural: sindicalistas, técnicos, assessores de organizações não-governamentais, etc..

**Participativo:** Esta é a característica mais essencial desse método de pesquisa. Os agricultores não são meros objetos de estudo, mas atores e sujeitos do processo de diagnóstico. Eles participam como pesquisadores na produção do conhecimento, e todas as etapas da pesquisa são discutidas com eles. Assim,

o diagnóstico torna-se um processo pedagógico e um instrumento de conscientização, que contribui para abrir os olhos e compreender melhor a realidade do campo.

**Prático:** O objetivo da pesquisa não é o conhecimento em si, mas o conhecimento como base para elaborar um programa de intervenção prática na produção, comercialização e organização dos produtores. Precisamos diagnosticar bem a realidade do campo para poder transformá-la.

**Provisório:** O nosso conhecimento sobre uma realidade em constante mudança nunca poderá ser definitivo. A pesquisa nunca será concluída, uma vez para sempre. Um diagnóstico é um processo de aproximação sucessiva à realidade, que continua na fase seguinte da intervenção prática. Muitas vezes, o diagnóstico geral da pequena produção a nível municipal deverá ser completado por diagnósticos mais específicos (por exemplo do sistema de criação animal) ou de menor escala (por exemplo das unidades de produção nas quais intervimos diretamente).

*Como conseguimos aplicar esses princípios e características gerais de um diagnóstico rural no caso concreto do diagnóstico de Bom Jardim?*

*Definimos como objeto da nossa pesquisa a pequena produção a nível do município, base territorial do nosso*

parceiro de cooperação, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim. Acordamos em um ano para preparar, realizar e concluir o diagnóstico, sem interromper a rotina de trabalho nem do Sindicato, nem do Centro Sabiá.

Um técnico do Centro Sabiá e um diretor do STR Bom Jardim conduziram todo o processo. A pesquisa de campo nas comunidades levou cerca de dois meses. Ela foi essencialmente realizada por "comissões de pesquisa" formadas por jovens e lideranças comunitárias, com a participação de muitos outros agricultores nas reuniões, discussões em grupo e entrevistas individuais. Os resultados da pesquisa foram discutidos num seminário com a diretoria do STR e as comissões de pesquisa, e a seguir devolvidos às comunidades.

O diagnóstico serviu de base para a elaboração de um programa municipal de intervenção agroecológica, executado em comum pelo STR e Centro Sabiá. Na implementação deste programa surgiu a necessidade de aprofundar o diagnóstico geral e de completá-lo por diagnósticos mais específicos.

## PREPARAÇÃO DO DIAGNÓSTICO

Antes de se iniciar a etapa central de um diagnóstico rural, que é a pesquisa de campo, deve-se proceder a uma série de definições e decisões prévias. Também é preciso realizar algumas tarefas preparatórias.

### DEFINIÇÃO DO ENFOQUE, DA ABRANGÊNCIA E DA AMOSTRA

A primeira questão diz respeito ao enfoque da pesquisa, que pode ser geral ou específico:

- **no enfoque geral**, faz-se o diagnóstico do agroecossistema, do sistema de produção e da realidade sócio-econômica da pequena produção rural em uma determinada área geográfica;





Seminário de preparação do Diagnóstico, Bom Jardim; abril de 1992



Reunião na Comunidade de Umari; maio 1992

- no enfoque específico, o diagnóstico trata de um determinado plantio ou ramo de produção (por exemplo, do cultivo da banana ou da criação animal), ou ainda de um determinado aspecto do sistema de produção (por exemplo da utilização da mão-de-obra familiar).

O enfoque da pesquisa depende muito do objeto e dos objetivos da nossa intervenção ulterior, e também do conhecimento prévio que já temos da realidade trabalhada: Quanto mais geral é o conteúdo do trabalho que projetamos e menor o nosso conhecimento prévio, mais se impõe um enfoque geral da pesquisa, para possibilitar, em primeiro lugar, construir um conhecimento de base sobre o sistema da pequena produção rural.

*Assim no caso de Bom Jardim, onde o Centro Sabia não tinha nenhuma experiência prévia de trabalho, e onde o objetivo era bastante amplo (elaboração de um programa municipal de intervenção agroecológica), escolhemos um enfoque geral: a pequena produção rural a nível do município.*

Uma segunda questão que necessita de uma definição prévia diz respeito à abrangência geográfica do diagnóstico.

É possível fazer um diagnóstico rural que abrange uma ou umas poucas unidades de produção, uma ou mais comunidades, ao invés de um município ou de

necessário trabalhar por amostra, pesquisando uma parte da realidade que consideramos representativa do total.

*No caso do diagnóstico da pequena produção rural no município de Bom Jardim, procedemos a duas operações de amostragem:*

*Na discussão prévia com a diretoria do STR, identificamos no município a existência de três sub-regiões, correspondendo a três agroecossistemas bem distintos. Escolhemos então em cada sub-região uma comunidade, representativa do respectivo agroecossistema, onde iríamos realizar a pesquisa de campo. Outro critério que orientou a escolha das comunidades foi a existência de uma base organizativa e sindical, como condição para envolver os agricultores num diagnóstico realmente participativo e mais tarde, num programa de intervenção.*

*Dentro de cada comunidade, foi entrevistado uma parcela das famílias, através de uma amostra determinada ao acaso, compreendendo entre 20 a 25 % dos agricultores residentes.*

Uma vez definidos o enfoque e a abrangência do diagnóstico, devemos procurar, reunir e analisar a informação escrita já existente sobre a área geográfica e temática do nosso interesse. Antes de entrarmos na pesquisa de campo, impõe-se uma pequena pesquisa bibliográfica do material secundário.

uma microrregião, ou ainda, de um ecossistema, como por exemplo, a Mata Atlântica ou o Semi-Árido do Nordeste.

A escolha depende de vários fatores, tais como o enfoque da pesquisa, a área geográfica e o conteúdo da intervenção prevista, assim como do parceiro com quem pretendemos trabalhar.

*No nosso caso, definimos que a abrangência da pesquisa seja municipal, por se tratar de um programa de cooperação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, cuja base territorial é o município de Bom Jardim.*

Em função da abrangência geográfica do diagnóstico, além da metodologia de pesquisa escolhida, devemos decidir se vamos fazer um levantamento total ou se vamos trabalhar por amostra.

Se fazemos, por exemplo, o diagnóstico de uma pequena comunidade composta por 60 famílias, é possível entrevistar todas as famílias. Se fazemos um diagnóstico com uma abrangência municipal, podemos fazer discussões e entrevistas coletivas em todas as sub-regiões do município (como foi feito no DRPA de Tauá, no Ceará). Mas se queremos fazer entrevistas individuais às famílias dos trabalhadores rurais, já não é possível entrevistar todas as famílias de um município, nem de uma grande comunidade. Neste caso, torna-se

## Pesquisa Bibliográfica

As fontes podem ser múltiplas e variar de acordo com o enfoque do diagnóstico e com o nosso conhecimento prévio da realidade estudada. Sempre é bom confrontar os resultados mais localizados e específicos da nossa pesquisa de campo com uma informação mais geral e com dados estatísticos mais globais obtidos através de livros e outras publicações.

*No caso do diagnóstico no município de Bom Jardim, o material encontrado foi bem escasso:*

- *alguma informação geográfica, histórica e sócio-econômica de base sobre o Nordeste, Pernambuco e o Agreste (livros de Manuel Correia de Andrade e publicações da Sudene);*
- *uma breve descrição do município de Bom Jardim (Enciclopédia dos Municípios do Interior de Pernambuco);*
- *o Anuário Estatístico de Pernambuco;*
- *o Censo Agro-Pecuário de 1985;*
- *dados do Recenseamento Geral da População (1970, 1980, 1991).*

*Embora escassas, essas fontes forneceram algumas informações úteis sobre aspectos da demografia, estrutura fundiária e produção agrícola no município de Bom Jardim. Informações que serão confrontadas com o conhecimento empírico dos sindicalistas e agricultores e com a realidade descoberta no processo de pesquisa de campo.*

## Definição dos Conteúdos e Métodos da Pesquisa

Concluídas as definições prévias sobre o enfoque e a abrangência da pesquisa, e recolhida alguma informação secundária, devemos reunir as pessoas-chave que serão envolvidas na realização do diagnóstico. Chegou o momento de sensibilizar esse público sobre os objetivos de um diagnóstico rural no seu município e de preparar a pesquisa de campo nas comunidades.

É o momento de se definir os principais problemas enfrentados pelos agricultores, de confrontar a informação das fontes escritas com o conhecimento empírico dos participantes. É neste contexto que devemos definir de forma mais precisa o conteúdo do diagnóstico (o que precisamos saber?), formular hipóteses (quais são as possíveis conclusões?) e definir os métodos de pesquisa (como vamos chegar a saber?). É o momento também de elaborar um cronograma de trabalho.

*Como abordamos essa etapa em Bom Jardim?  
Organizamos um seminário preparatório do diagnóstico com a participação de diretores sindicais e lideranças comunitárias, durante dois dias. De cada uma das três comunidades escolhidas, foram convidadas duas lideranças. Mais tarde avaliamos que deveríamos ter alargado esse seminário para a participação de pessoas*

que viriam a ser os entrevistadores dos trabalhadores rurais nas comunidades, as "comissões de pesquisa".

Iniciamos o seminário com a apresentação e discussão dos objetivos e características gerais de um diagnóstico rápido e participativo da pequena produção rural. Através de um trabalho de grupo, definimos em seguida os principais desafios e problemas enfrentados pelos agricultores no município de Bom Jardim. Sintetizando os resultados dos grupos de trabalho, identificamos quatro grandes temas:

- falta de terra
  - baixa produção
  - perda na comercialização
  - fraca organização dos trabalhadores.
- Confrontamos o saber e a experiência dos participantes em relação aos desafios levantados com a informação das fontes secundárias. Vimos o que nos faltava saber para ter um conhecimento mais amplo e completo da realidade. Assim definimos o conteúdo da nossa pesquisa, resumindo-o num roteiro geral. E finalmente definimos o caminho como chegar a saber o que nos faltava: os métodos e os instrumentos da nossa pesquisa de campo.

## PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo é a etapa central de um diagnóstico da pequena produção rural. É a etapa mais rápida. Geralmente, leva menos tempo que a fase preparatória, e sobretudo que a fase seguinte de compilação, processamento, análise, interpretação e apresentação da informação. A pesquisa de campo é também a etapa mais participativa, com maior envolvimento dos agricultores e pesquisadores locais. É, sem dúvida, a etapa mais interessante de todo o processo de diagnóstico.

*Em Bom Jardim, essa etapa levou dois meses. Um mês foi dedicado para visitas às três comunidades, entrevistas com lideranças e discussões em grupos, realizadas com a participação do Centro Sabiá e do STR, num total de 12 dias de trabalho. No segundo mês, os pesquisadores escolhidos nas comunidades realizaram as*

*entrevistas individuais, cobrindo uma amostra de 108 famílias de trabalhadores rurais.*

Para fazer a pesquisa de campo, propomos cinco métodos ou instrumentos que se complementam no processo de conhecimento da realidade da pequena produção rural. Esses métodos formam uma seqüência lógica, embora não rígida, de passos a serem seguidos durante a realização da pesquisa. Resumimos o conteúdo da pesquisa num roteiro geral. Cada método serve para investigar parte das questões levantadas nesse roteiro, ou as mesmas questões sob ângulos diferentes.

### OBSERVAÇÃO DIRETA

Quem visita o campo e observa de olhos abertos a paisagem, as habitações, os roçados e as plantações, logo descobre muitos dados da realidade. E isso é possível sem conversar com ninguém, sem fazer perguntas ou entrevistas.

O que se pode ver a olho nu andando numa comunidade rural?

Vemos a localização, as vias de acesso e algumas instalações de infra-estrutura existentes tais como: escola, posto de saúde, rede de energia elétrica, açude, casa de farinha, etc.

Vemos o relevo do terreno, a vegetação, as fontes e os cursos de água.

Vemos como se dá o uso da terra, se há mata ou

capoeira, pastos, plantações, e podemos perceber a situação do solo, se há sinais de erosão e degradação.

Vemos indicadores da estrutura fundiária e do sistema de produção identificando, por exemplo, roçados diversificados dos pequenos produtores contra grandes áreas de monocultura ou de pasto das fazendas.

Vemos indicadores da diferenciação social entre pobres e ricos.

Finalmente, observando, vemos as características da habitação dos moradores.

Outros aspectos só podem ser vistos em certas épocas do ano ou em determinados momentos: o clima que varia ao longo do ano, as diferentes lavouras e suas técnicas de produção, o processo de comercialização. A observação direta, mesmo repetida, fornece apenas fotografias de momentos.

Existem outras informações que não podem ser obtidas na observação direta, como por exemplo a proporção do salário na renda familiar ou o grau de sindicalização dos trabalhadores rurais. Além disso, o que conseguimos ver pode ser mal interpretado, se não complementarmos a observação com informações orais. Nem sempre somos capazes de avaliar corretamente o que estamos vendo.

Em resumo, a observação direta representa um instrumento útil e necessário na pesquisa, mas sempre será limitado e parcial. Não pode fornecer uma informação completa, um conhecimento suficiente.

Não se pode imaginar um diagnóstico da realidade rural baseado apenas nesse método.

*Como utilizamos a observação direta no diagnóstico em Bom Jardim?*

*Durante as primeiras visitas nas três comunidades estudadas, fizemos extensivos passeios pelas zonas de habitação e de plantio, junto com o representante do STR e lideranças comunitárias. Claro que, na prática, a observação direta nem sempre ficou nitidamente separada da conversa. Confrontamos as nossas observações enquanto pessoa de fora com o saber das pessoas que vivem o dia-a-dia na comunidade.*

*É evidente que a observação direta não se esgota na primeira visita. Mantendo os olhos abertos, descobrimos em visitas ulteriores aspectos da realidade que não tinham sido mencionados, nem nas discussões de grupo, nem nas entrevistas aos trabalhadores rurais.*

## ENTREVISTAS COM LIDERANÇAS

Destacamos os limites da observação direta. Para conhecer bem a realidade da pequena produção rural, não basta ver. É preciso conversar com as pessoas envolvidas nesta realidade.

Com quem vamos falar primeiro quando chegamos a uma região ou comunidade? Naturalmente, os nossos primeiros interlocutores de frente serão as lideranças sindicais e comunitárias. Nesses contatos devemos conversar fazendo

“entrevistas não estandardizadas”, que não usam um questionário para preencher, mas apenas se baseiam num roteiro geral.

Através dessas entrevistas recolhemos informações gerais sobre a comunidade: história, infraestrutura, recursos naturais, população, etc. Assim, muitas questões já não precisam entrar nas entrevistas individuais aos trabalhadores rurais. Para outros aspectos, a informação geral obtida pelas entrevistas às lideranças deverá ser confirmada (ou não), completada e quantificada através de outros métodos e instrumentos de pesquisa, sobre os quais falaremos adiante.

O conhecimento produzido pelas entrevistas vai além do resultado da mera observação direta, mas ainda não é suficiente. Ele apenas oferece informações baseadas numa visão subjetiva dos entrevistados, proporcionando um conhecimento parcial da realidade. Neste método, não conseguimos quantificar a informação: Descobrimos, por exemplo, que muitos homens da comunidade estão trabalhando em São Paulo, mas não sabemos qual é a percentagem dos migrantes e sua distribuição por faixas de idade.

*No caso do diagnóstico de Bom Jardim, as entrevistas com lideranças foram feitas de variadas maneiras e em momentos diferentes:*

*Algumas informações surgiram logo nas primeiras conversas com a diretoria do STR. Novos dados foram*

*levantados no seminário de preparação do diagnóstico, quando os participantes identificaram os principais problemas enfrentados pelos pequenos produtores do município.*

*Outras conversas deram-se de forma bastante informal durante as primeiras visitas à comunidades estudadas, ao longo dos "passeios" e, simultaneamente, com o processo de observação direta.*

*Outra parte da informação foi fornecida e registrada nas visitas seguintes, seguindo o roteiro geral, embora não se tenha abordado todas as questões nele contidas.*

## DISCUSSÕES EM GRUPO

As entrevistas com lideranças fornecem muita informação sobre a realidade de uma determinada comunidade ou região. Mas, elas não são suficientes para concluir um diagnóstico da pequena produção rural, considerando que o conhecimento das lideranças é limitado, e que a sua apresentação da realidade pode ser distorcida. Portanto é preciso ampliar e diversificar mais o universo entrevistado.

Devemos, portanto, reunir outras pessoas, além das lideranças, e organizar entrevistas coletivas, ou melhor, discussões em grupo. Assim vamos juntar o conhecimento e a experiência de mais pessoas e confrontar diferentes opiniões. Trata-se de um método mais participativo: a discussão em conjunto sobre a realidade e os problemas vividos pelo grupo vai

contribuindo para uma maior tomada de consciência dos participantes.

Como organizar tais discussões de grupos? Vamos convidar toda a população de uma comunidade para falar de tudo, retomando o roteiro geral? Um melhor caminho será reunir grupos específicos de pessoas para discutir com eles os assuntos específicos que dizem respeito ao grupo.

Assim, por exemplo, vamos reunir os velhos se queremos resgatar a história da comunidade e perceber as mudanças do ecossistema e da agricultura nos últimos 50 anos. Ou vamos conversar em separado com os pequenos proprietários e com os trabalhadores sem terra se queremos explorar a condição específica dessas diferentes categorias de trabalhadores rurais. E vamos chamar uma reunião com as mulheres se estamos interessados na questão de gênero e no sistema de divisão de trabalho e responsabilidade no seio das famílias de pequenos produtores rurais.

*No caso do diagnóstico de Bom Jardim, organizamos em cada uma das três comunidades estudadas três reuniões separadas, priorizando os seguintes grupos específicos: mulheres, jovens e agricultores (na maioria homens chefes de família).*

*Para cada grupo de pessoas, preparamos uma lista de temas a serem abordados na discussão. Desta forma conseguimos conhecer melhor os problemas e as*

*perspectivas de cada grupo, além de obter muita informação sobre a realidade. Este processo de discussão e reflexão coletiva foi muito rico, sobretudo nas reuniões com as mulheres e com os jovens.*

### ENTREVISTAS COM QUESTIONÁRIO

Em relação aos métodos anteriores, as discussões em grupo representam mais um avanço no processo de conhecimento da realidade rural. Mas elas também têm seus limites, fornecendo muito mais um retrato geral do grupo entrevistado do que uma visão das diferenças existentes entre seus componentes individuais. É tal como as entrevistas com as lideranças, as discussões de grupo não permitem estabelecer a distribuição quantitativa dos fenômenos. Assim, por exemplo, numa discussão com agricultores chegamos a saber que a maioria dos presentes enfrenta o problema de falta de terra. Mas não conseguimos conhecer de forma mais detalhada a estrutura fundiária da comunidade.

Por isso, achamos útil a realização de entrevistas individuais estandarizadas (em forma de questionário para facilitar o preenchimento e o processamento da informação) com um número suficiente de trabalhadores rurais. De acordo com a dimensão e abrangência do diagnóstico, devem ser entrevistadas todas as famílias (quando se trata de uma comunidade pequena), ou uma amostra representativa das famílias pertencentes à comunidade.

A pesquisa por meio de um questionário é geralmente tida como o método de pesquisa social por excelência. Ao nosso ver, o questionário nunca deve constituir-se no único, nem mesmo no principal instrumento de um diagnóstico rural. Ele, sobretudo, nunca deve ser aplicado em primeiro lugar, antes das entrevistas com as lideranças, das reuniões com os agricultores e das discussões de grupo.

Antes de se elaborar um questionário pertinente, é importante se ter uma base razoável de conhecimento da realidade. Também é necessário que as pessoas selecionadas para serem entrevistadas estejam informadas sobre os objetivos do diagnóstico em curso. Só assim elas poderão ter uma relação de confiança com os pesquisadores. É preferível indicar pessoas que sejam conhecidas da própria comunidade.

A entrevista registrada em questionário representa um método menos participativo e conscientizador do que a discussão de grupo, já que o entrevistado é considerado primeiramente como fonte de informação e só em segundo lugar como parceiro num diálogo. No entanto, depende muito da forma como os entrevistadores introduzem o assunto e conduzem a entrevista. E se as entrevistas forem realizadas por membros da própria comunidade, uma maior participação terá sido alcançada através da formação destes pesquisadores locais.

Quanto ao conteúdo e à forma do questionário, não existe nenhuma receita, nenhum modelo pronto.



Teremos que elaborar o nosso próprio questionário em função do que queremos e precisamos saber. Simplesmente, vamos procurar através do questionário encontrar a informação que não conseguimos obter pelos métodos anteriores. Alcançaremos, sobretudo, o tipo de informação que nos permite conhecer a diferenciação entre os agricultores e a distribuição quantitativa dos fenômenos.

O tamanho do questionário será sempre um compromisso entre a qualidade da informação e a quantidade de entrevistas que pretendemos realizar. Maior e mais pormenorizado o questionário, menor o número de entrevistas que vamos conseguir. Como regra geral, devemos procurar manter o questionário o mais resumido e simples possível, para evitar entrevistas desnecessariamente demoradas e cansativas, e para não ultrapassar a nossa capacidade de processamento e análise dos dados.

Diferentemente das experiências de DRPA assessoradas pela AS-PTA, o Centro Sabiá optou por incluir o instrumento do questionário no diagnóstico da pequena produção rural em Bom Jardim. Nas três comunidades estudadas, foi entrevistada uma amostra representativa de famílias de trabalhadores rurais.

Os questionários chegaram a representar a principal fonte de informação diferenciada e quantificada sobre a realidade rural de Bom Jardim. Os dados levantados dizem respeito à composição das famílias, ocupação da força de trabalho e emigração,

acesso à terra, estrutura da produção, comercialização e renda, assim como organização dos trabalhadores.

*Como organizamos as entrevistas da pesquisa de campo em Bom Jardim? Em cada comunidade estudada, foi formada uma comissão de pesquisa composta por oito pessoas, entre lideranças e jovens sabendo ler e escrever. Dos 24 pesquisadores locais, só quatro eram homens, sendo as demais mulheres adultas e adolescentes. Cada comissão ficou dividida em quatro equipes de duas pessoas, para em conjunto conduzirem a entrevista e registrarem as informações no questionário.*

*Dependendo do tamanho das comunidades definimos uma amostra de 20 a 25% das famílias residentes a serem entrevistadas. Ao determinar o itinerário de cada equipe de trabalho, a orientação foi de entrar na primeira casa, pular as três ou quatro seguintes e entrevistar a quarta ou quinta família. Desta forma, conseguimos uma amostra ao acaso, sem escolha deliberada das famílias a serem entrevistadas. No total, foram realizadas 108 entrevistas nas três comunidades. Depois da elaboração do questionário, fizemos um teste de entrevista com lideranças de duas comunidades e modificamos algumas partes dele. Em seguida organizamos um dia de treinamento para todos os membros das três comissões de pesquisa com o objetivo de capacitá-los na utilização correta desse instrumento de diagnóstico - a entrevista estandarizada.*

## ENTREVISTAS APROFUNDADAS E ESPECÍFICAS

Pelas características próprias de um questionário estandarizado, a informação obtida por meio dele é bastante genérica, de natureza mais quantitativa do que qualitativa. Para construir um conhecimento mais sistemático da pequena produção rural, é útil realizar, posteriormente, algumas entrevistas mais aprofundadas com agricultores, escolhidos preferencialmente entre aqueles já entrevistados através do questionário.

Pelo método das entrevistas específicas conseguimos aprofundar alguns aspectos do agroecossistema e do sistema de produção, como por exemplo o uso da terra, o calendário agrícola, a utilização de mão-de-obra, as técnicas e os custos de produção, as fontes de renda familiar. Chegaremos assim a perceber melhor a lógica do sistema de produção e da economia camponesa.

Devemos também procurar complementar a informação obtida dos produtores rurais, via entrevistas específicas com outros agentes econômicos e administrativos: atravessadores, comerciantes, funcionários municipais, etc.

*No caso de Bom Jardim, começamos a aprofundar determinados aspectos do diagnóstico geral da pequena produção depois de já termos iniciado o processo de intervenção prático nas comunidades.*

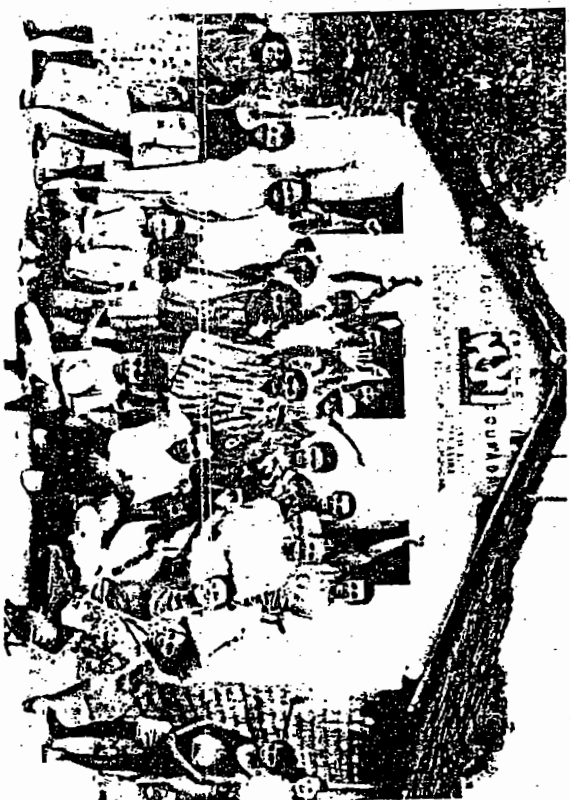
*Numa série de treinamentos práticos, procuramos compreender melhor o sistema de plantio das principais culturas e os problemas que os produtores enfrentam com elas (mandioca, verduras, banana, abacaxi).*

*Neste processo, aprofundamos o diagnóstico de uma realidade fundamental: o processo de enfraquecimento e degradação dos solos do município que leva a perda da sustentabilidade do sistema de produção existente.*

*Na unidade de produção escolhida para desenvolver uma experiência de referência em agricultura ecológica, realizamos um levantamento e planejamento mais detalhado, incluindo uma "entrevista aprofundada" com o produtor, baseado no método de "Diagnóstico e Desenho" (D&D).*



Equipe de Pesquisa de Paquevira: maio de 1992



Comissão de Agricultura do STR Bom Jardim: 1994

## TRABALHANDO A INFORMAÇÃO

Depois da pesquisa de campo, momento alto do processo de diagnóstico da realidade rural, segue a fase mais técnica, menos exaltante e mais demorada do diagnóstico: compilar, processar, analisar, interpretar, apresentar e devolver a informação obtida no trabalho de campo.

Quais são as etapas desse processo de trabalhar a informação, e como é que atuamos no caso do diagnóstico em Bom Jardim?

### Avaliação da Pesquisa de Campo

Após a conclusão da pesquisa de campo e antes de iniciar o trabalho de processamento da informação, é bom fazer uma avaliação provisória do trabalho realizado até esse momento. Isto é necessário,

sobretudo, quando uma boa parte da pesquisa - nomeadamente as entrevistas aos trabalhadores rurais registradas no questionário - for realizada por pesquisadores locais escolhidos nas comunidades.

*Como atuamos no caso de Bom Jardim?*

*Organizamos um seminário de um dia com a participação de diretores sindicais, lideranças comunitárias e pesquisadores das três comunidades estudadas. Esse seminário teve o seguinte programa:*

*- entrega dos questionários preenchidos ao técnico do Centro Sabiá responsável pelo processamento da informação;*

*- troca de experiências sobre o trabalho de campo, analisando se foi fácil ou difícil realizar as entrevistas, se houve partes do questionário onde não foi possível obter a informação, quanto tempo levaram as entrevistas e outras questões mais;*

*- elaboração de um cronograma das etapas de trabalho seguintes, até a conclusão do diagnóstico.*

*Em geral, os pesquisadores das comunidades acharam a experiência muito rica e interessante. Conseguimos realizar sem grandes problemas as entrevistas aos agricultores. Cumprimos o que estava programado em relação ao número de entrevistas por comunidade, à determinação da amostra e ao prazo para se concluir a pesquisa de campo.*

## COMPILAÇÃO E CORREÇÃO DOS DADOS

A compilação e o processamento da informação contida nos questionários podem ser feitos em computador ou manualmente. Optamos pela segunda alternativa por duas razões: o número de entrevistas realizadas neste tipo de diagnóstico rural é relativamente pequeno (no nosso caso foram pouco mais de cem questionários), e a maioria dos nossos parceiros não dispõe do equipamento necessário, nem domina tecnicamente a informática. O computador não é determinante para fazer um diagnóstico rápido e participativo da pequena produção rural.

Assim devemos transcrever os principais dados obtidos nas entrevistas em mapas de compilação, de forma a poder estabelecer a distribuição quantitativa dos fenômenos. Nesse processo de compilação da informação que se encontra registrada nos questionários, vamos descobrir algumas lacunas e incoerências, algumas partes mal preenchidas. Geralmente, basta rever e rediscutir os questionários com o grupo dos entrevistadores para poder corrigi-los. Só em certos casos pode ser necessário confirmar ou completar alguma informação com os próprios entrevistados.

*No caso do diagnóstico em Bom Jardim, foi o técnico do Centro Sabiá quem concebeu e preencheu os mapas de compilação. Processamos os dados separadamente por comunidade, para descobrir o que é comum e o*

que é diferente entre as três comunidades estudadas e, por extensão, entre as três principais regiões e agroecossistemas do município.

Durante esse processo, voltamos para as três comunidades e nos reunimos novamente com as comissões de pesquisa, para esclarecer dúvidas, preencher lacunas e corrigir incoerências e erros verificados nos questionários. Também iniciamos em conjunto com os pesquisadores locais, uma primeira interpretação de certos dados e tendências.

### **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

O próximo passo no processo de trabalhar a informação consiste na elaboração de um resumo dos dados mais significativos por comunidade e área temática. Neste resumo, os dados quantitativos devem ser apresentados em números absolutos e em percentagens, para permitir uma melhor comparação e interpretação dos resultados.

O resumo dos resultados da pesquisa de campo deverá ser discutido em seguida com os participantes e autores do diagnóstico: os pesquisadores que entrevistaram, os agricultores nas comunidades, assim como as lideranças sindicais e comunitárias que participaram em diversas etapas do trabalho.

*No caso de Bom Jardim, resumimos os principais dados estruturais e quantitativos extraídos dos questionários, em um mapa que apresenta os números*

absolutos e as respectivas percentagens por comunidade e por área temática.

Esse resumo foi discutido primeiro na equipe do Centro Sabid e em seguida com a diretoria do STR Bom Jardim, por ocasião da reunião de avaliação e planejamento anual do programa de cooperação entre as duas instituições. Os sindicalistas avaliaram que o conjunto de dados fornece um retrato fiel do município e dos seus diferentes agroecossistemas. A partir daí, o diagnóstico ajudou a definir as áreas temáticas e geográficas do nosso programa municipal de intervenção agroecológica para o próximo ano.

Em seguida, organizamos um seminário de dois dias que além de diretores sindicais reuniu as principais lideranças e as comissões de pesquisa das três comunidades. Este seminário não só discutiu o retrato da pequena produção rural em Bom Jardim apresentado como resultado da pesquisa, mas também iniciou a reflexão sobre um programa de ação em cada comunidade.

### **DEVOLUÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Após a discussão dos resultados do diagnóstico com o grupo mais restrito de lideranças e pesquisadores, devemos voltar para as comunidades. Vamos expor as nossas conclusões ao conjunto das pessoas que participaram das reuniões e discussões em grupo e que foram entrevistadas pelas equipes de pesquisa.

Nesta devolução dos resultados do diagnóstico, devemos encontrar formas de apresentação e visualização da informação que sejam acessíveis aos agricultores. É importante fazer a ponte entre o resultado da pesquisa e desafios levantados na fase inicial do processo, assim como lançar perspectivas de um programa de intervenção a ser desenvolvido no município, a partir do melhor conhecimento da realidade rural permitido pelo diagnóstico.

*No caso de Bom Jardim, organizamos reuniões de devolução dos resultados do diagnóstico nas três comunidades onde foi realizada a pesquisa de campo. Além das lideranças e dos pesquisadores que já tinham participado no seminário anterior, essas reuniões juntaram mais agricultores, em números que variaram bastante de uma comunidade para outra.*

*Fizemos uma recapitulação do processo do diagnóstico e apresentamos um resumo dos principais resultados, destacando sempre a particularidade da respectiva comunidade em relação às restantes. Discutimos também a continuidade do trabalho, já no âmbito do programa municipal de intervenção agroecológica elaborado em comum pelo STR e Centro Sabidá.*

## DA PESQUISA A INTERVENÇÃO AGROECOLÓGICA

O processo de discussão dos resultados do diagnóstico, com uma base maior e mais completa de conhecimento da realidade rural, deve desembocar na elaboração de um programa de intervenção prática. Conhecendo o agroecossistema e a estrutura sócio-econômica, percebendo a lógica e os limites do sistema de produção, avaliando os principais problemas e desafios enfrentados pelos agricultores, estamos agora em condições de melhor planejar as nossas atividades junto aos pequenos produtores, para transformar a realidade diagnosticada.

Definimos como uma das características gerais de uma diagnóstico participativo da pequena produção rural a sua orientação prática, que agora terá que se

confirmar. Outra característica geral é a natureza provisória, não acabada do conhecimento gerado pelo diagnóstico. No processo de implementação do nosso programa vamos precisar de um conhecimento maior sobre aspectos específicos da realidade - será então necessário aprofundar o diagnóstico. E, por outro lado, no processo de intervenção prática vamos descobrir aspectos da realidade que nos escaparam durante a pesquisa.

*Em Bom Jardim, começamos a elaboração e implementação do nosso programa de intervenção agroecológico antes de ter concluído todas as etapas do processo de diagnóstico. Iniciamos o trabalho prático baseando-nos no resumo dos principais resultados da pesquisa de campo.*

*Na primeira reunião de avaliação e planejamento anual do programa de cooperação entre o Centro Sabidá e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim definimos os principais campos de intervenção e formulamos um programa de atuação a nível comunitário e municipal.*

*Durante o seminário sobre os resultados do diagnóstico com lideranças sindicais e comunitárias assim como os membros das comissões de pesquisa, os representantes das três comunidades propuseram uma série de atividades a serem implementadas em cada região. Uma das comissões de pesquisa transformou-se em mutirão para iniciar uma experiência de agricultura*

*ecológica acompanhada pelo STR e Centro Sabidá. No segundo ano, após a realização de um "diagnóstico e desenho" (D&D) a nível da unidade de produção escolhida, essa iniciativa evoluiu para constituir-se a principal experiência de referência em agroecologia e agrosilvicultura no município.*

Assim, no trabalho de intervenção prática continua surgindo a necessidade de um aprofundamento progressivo do nosso conhecimento da realidade. O diagnóstico continua, mas agora integrado no processo de capacitação, intercâmbio, experimentação e acompanhamento junto aos agricultores de Bom Jardim.

---

ANEXOS

---



## Cronograma

### Diagnóstico no Município de Bom Jardim - Proposta de Cronograma

<i>etapa/atividade</i>	<i>instrumentos</i>	<i>participantes</i>	<i>data/prazo</i>
definição dos objetivos, conteúdos e métodos do diagnóstico. escolha de 3 comunidades	seminário de 2 dias	STR, PTA	abril 92
apresentação e planejamento do trabalho de campo nas comunidades	reuniões nas comunidades	STR, PTA, lideranças e agricultores	abril 92
levantamento e sistematização de dados secundários	publicações, estatísticas etc.	PTA	abril 92
levantamento e discussão dos conhecimentos prévios dos participantes; definição, elaboração e experimentação dos instrumentos de pesquisa; capacitação dos participantes	seminário de 2 dias	STR, PTA, líderes das comunidades	início de maio 92
trabalho de pesquisa e levantamento de dados no campo	reuniões, entrevistas, questionário	STR, PTA, líderes e jovens das comunidades	maio 92
processamento e sistematização dos dados levantados	mapas de compilação	PTA, STR	junho 92

**ROTEIRO GERAL**  
**Diagnóstico em Bom Jardim - Roteiro Geral Provisório**

1. história da comunidade
2. localização e infra-estrutura
3. condições naturais de produção
4. população e perfil social
5. estrutura fundiária
6. atividades econômicas
7. organização de trabalho
8. calendário agrícola
9. tecnologia e sistema de produção
10. comercialização e mercado
11. economia e renda familiar
12. assistência técnica e projetos
13. organização e comunicação
14. vida cultural e religiosa

<i>etapa/atividade</i>	<i>instrumentos</i>	<i>participantes</i>	<i>data/prazo</i>
análise e interpretação dos dados, discussão das conclusões práticas para o trabalho conjunto do STR e do PTA	seminário de 2 dias	STR, PTA, lideranças, Polo Sindical	final de junho
apresentação e discussão das conclusões nas comunidades	reuniões nas comunidades	STR, PTA, lideranças	final de junho?
troca de experiências com o STR de Tauá - CE	visita de intercâmbio	STR, Polo, PTA	agosto ou setembro?
redação do relatório final do diagnóstico	relatório	PTA	setembro/outubro
devolução dos resultados do diagnóstico numa forma acessível aos agricultores	cartilha, programa de rádio, etc.	PTA, STR	novembro/dezembro
planejamento do trabalho comum para o ano de 1993	seminário de 2 dias	STR, Polo, PTA	dezembro
elaboração de um programa municipal de agricultura alternativa voltado para os pequenos produtores rurais		STR, PTA	dezembro

Recife, 19.03.92

## Roreiros das Discussões em Grupo

### Discussão em Grupo com Mulheres

1. condição das mulheres presentes
  - casadas / viúvas / solteiras / chefes de família
  - número de filhos / onde estão e o que fazem
2. divisão de trabalho entre mulher e homem
  - qual é o trabalho da mulher na casa, no rogado, na horta, na criação, na comercialização ?
  - quais as tarefas da mulher que o homem não consegue fazer? qual o trabalho do homem que a mulher não consegue fazer?
  - fontes de renda próprias das mulheres?
3. emigração
  - o que significa a saída dos maridos / filhos para as mulheres?
  - as mulheres também vão? para onde? fazer o que?
  - como as mulheres enxergam o futuro dos seus filhos?
4. organização
  - existe organização própria das mulheres? para fazer o que?
  - participação das mulheres no sindicato
  - o que o sindicato poderia / deveria fazer mais ?

Recife, maio de 1992

### Discussão em Grupo com Jovens

1. condição dos jovens presentes
  - sexo / idade
  - nível de escolaridade
  - trabalho com pai / fonte de renda própria
2. emigrar ou ficar na terra?
  - quem já foi para São Paulo / Rio / Recife?
  - quem tem irmãos / amigos nas grandes cidades?
  - por que vocês estão aqui? onde estarão daqui 5 anos?
  - vantagens / desvantagens do campo / da grande cidade
  - idéias como melhorar a agricultura e as condições de vida aqui
3. organização
  - organização própria dos jovens? para fazer o que?
  - participação dos jovens no sindicato?
  - o que o sindicato deveria fazer para ser mais atrativo para os jovens?

Recife, maio de 1992



3. A Terra Trabalhada pela Família

trabalha a terra como (marcar X):	area (em hecta)	paga foro ou renda anual?	como conseguiu essa terra?
proprietário			
herdeiro			
posseiro			
rendeiro			
semi-terra			
outro:			

já alguma vez vendeu terra? não  sim  em que ano: \_\_\_\_\_  
vendeu a quem? \_\_\_\_\_ porque? \_\_\_\_\_

4. A Maneira de Trabalhar a Terra

a terra que você trabalha é: boa  razoável  fraca

você protege o solo contra a erosão? não  sim   
como: \_\_\_\_\_

o que você faz para manter e aumentar a fertilidade do solo? \_\_\_\_\_

como você luta contra as pragas e doenças das culturas? \_\_\_\_\_

como e onde você consegue sementes para plantar? \_\_\_\_\_

você utiliza água para irrigação? não  sim   
para que culturas? \_\_\_\_\_  
como é que irriga? \_\_\_\_\_

você já teve crédito? não  sim  de quem? \_\_\_\_\_  
em que ano? \_\_\_\_\_ para fazer o que? \_\_\_\_\_

já teve assistência técnica? não  sim  de quem? \_\_\_\_\_  
em que ano? \_\_\_\_\_ para fazer o que? \_\_\_\_\_

costuma pagar pessoas de fora para ajudar no roçado? não  sim   
para que trabalhos? \_\_\_\_\_  
quantas pessoas? \_\_\_\_\_ quantos dias por ano? \_\_\_\_\_  
quanto você paga? \_\_\_\_\_

5. Produção e Comercialização  
o que você planta no seu roçado?

produto	area de plantio	planta para comer?	planta para vender?	como que vende?
milho				
feijão/fava				
mandioca/macaxeira				
inhame				
batata-doce				

quais as frutas que você tem?

produto	numero de pés	planta para comer?	planta para vender?	como que vende?
banana				
laranja				
maça				

você faz horta caseira? não  sim   
tem área de pasto? não  sim  qual o tamanho desta área? \_\_\_\_\_

quais os animais que vocês criam?

animal	número de cabeças	produz para comer?	produz para vender?	como que vende?
galinha				
porco				
cabra				
vaca				
bezerro				
burro / jumento				
cavalo				

#### 6. A Renda da Família

qual a renda mensal que a família consegue através da produção agrária (produtos do roçado, verduras, frutas, criação animal)?

- menos de meio salário mínimo
- entre meio e um salário mínimo
- entre um e dois salários mínimos
- entre dois e cinco salários mínimos
- mais de cinco salários mínimos

quais são as outras fontes de renda que a família tem?

fonte de renda	quem traz essa renda?	quanto é por mês?
aposentadoria		
salário regular		
trabalho alugado		
serviço prestado		
produção não-agraria		
atividade comercial		
rendessa de familiar ausente		
outras:		

#### 7. As Condições de Vida

seu casa tem água encanada? não \_\_\_ sim \_\_\_

se não tem, onde vão buscar? \_\_\_\_\_  
a que distância da casa? \_\_\_\_\_

a sua casa tem energia elétrica? não \_\_\_ sim \_\_\_  
tem televisão? não \_\_\_ sim \_\_\_

vocês cozinham com: gás \_\_\_ lenha \_\_\_  
onde vão buscar a lenha? \_\_\_\_\_

a sua casa é: em pau a pique / taipa: \_\_\_  
em alvenaria / tijolo: \_\_\_

#### 8. Instrução (Escolaridade)

qual o grau de instrução (escolaridade) das pessoas em casa?

nome	sabe ler e escrever	tem primeiro grau menor	tem primeiro grau completo	tem segundo grau completo

#### 9. Organização

quem da família participa em:

- mutirão: \_\_\_\_\_
- horta comunitária: \_\_\_\_\_
- grupo de mulheres: \_\_\_\_\_
- grupo de jovens: \_\_\_\_\_
- associação de agricultores: \_\_\_\_\_
- comunidade eclesial de base: \_\_\_\_\_
- cooperativa mista dos trabalhadores rurais: \_\_\_\_\_
- sindicato dos trabalhadores rurais: \_\_\_\_\_
- outra organização ou atividade coletiva: \_\_\_\_\_

Recife/Bom Jardim, maio de 1992



# RESUMO DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

## Perfil Social

Item	Altos	Umarí	Paquevira	Total
	n	n	n	n
	%	%	%	%
famílias entrevistadas	40	41	27	108
chefes de família:				
chefes homens	39	30	27	96
chefes mulheres	1	11	0	12
idade média chefe de família	48	59	53	53
60 +	9	20	9	38
50 - 59	11	13	7	31
40 - 49	8	7	5	20
30 - 39	9	0	4	13
20 - 29	3	1	2	6
50 +	20	33	16	69
- 50	20	8	11	39
trabalha no roçado	32	37	27	96
trabalho assalariado regular	16	8	3	27
trabalho assalariado ocasional	2	2	3	7
comércio / conta própria	5	2	3	10
trabalha no Recife	11	7	2	20
trabalha em São Paulo	2	1	0	3
família / demografia:				
população abrangida	205	237	185	627
nº de famílias	40	41	27	108
média de pessoas/família	5,1	5,8	6,9	5,8
população abrangida menores	205	237	185	627
adultos	74	66	90	230
	131	171	95	397

numero de ordém	
renda familiar	
da prod. menos 1/2 sal. min.	
da prod. 1/2 - 1 sal. minimo	
da prod. 1-2 sal. minimos	
da prod. 2-5 sal. minimos	
da prod. sem resposta	
aposentadoria	
salário regular	
salário irregular	
remessa de ausentes	
atividade comercial	
outra atividade conta prop.	
outra fonte:	
condições de vida	
água encanada	
energia elétrica	
TV	
cozinha com lenha	
cozinha com gás	
casa de taipa	
casa de tijolo	
instrução dos adultos	
numero total de adultos	
nº de analfabetas	
nº de alfabetizadas	
nº com 1º grau menor	
nº com 1º grau completo	
nº com segundo grau	
organização	
nº adultos participando em	
mutirão	
hora comunitária	
grupo de mulheres	
grupo de jovens	
associação de agricultores	
CEB	
Cooperativa	
STR	
outra organização:	
observações	



família / demografia:	Altos		Umari		Paquetaira		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
adultos	131	100	171	100	95	100	397	100
homens	61	46,6	84	49,1	45	47,4	190	48
mulheres	70	53,4	87	50,9	50	52,6	207	52
ocupação dos adultos:								
total adultos	131	100	171	100	95	100	397	100
trabalho no roçado	104	79,4	115	67,3	88	92,6	307	77
trabalho assalariado regular	22	16,8	40	23,4	9	9,5	71	18
trabalho assalariado ocasional	2	1,5	7	4,1	5	5,6	14	3,5
pedra	9	6,9	5	2,9	-	0	14	3,5
comércio / conta própria	9	6,9	6	3,5	4	4,2	19	4,8
total adultos	131	100	171	100	95	100	397	100
trab. fora de Bom Jardim	21	16	42	24,6	9	9,5	72	18
trab. fora de Bom Jardim	21	100	42	100	9	100	72	100
trab. Recife	15	71,4	12	28,6	3	33,3	30	42
trab. São Paulo	6	28,6	28	66,7	4	44,4	38	53
trab. Rio de Janeiro	-	0	-	0	2	22,2	2	2,5
trab. outra cidade	-	0	2	4,7	-	0	2	2,5
trab. fora de Bom Jardim	21	100	42	100	9	100	72	100
homens	17	81	35	83	7	78	59	82
mulheres	4	19	7	17	2	22	13	18
total homens adultos	61	100	84	100	45	100	190	100
homens trab. nas cidades	17	27,9	35	40,2	7	15,6	59	31
homens trab. Recife	13	21,3	9	10,7	3	6,7	25	13
homens trab. São Paulo	4	6,6	25	29,8	2	4,4	31	16
homens trab. Rio de Janeiro	-	0	-	0	2	4,4	2	1
homens trab. outra cidade	-	0	1	1,2	-	0	1	0,5

A Terra

Item	Altos		Umari		Paquetaira		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
total famílias entrevistadas	40	37	41	38	27	25	108	100
famílias sem terra	1		-		-		1	
famílias com + 0 - 0,5 ha	6		11		-		17	
famílias com + 0,5 - 1 ha	4		8		-		12	
famílias com + 1 - 2 ha	6		9		3		18	
famílias com + 2 - 3 ha	12		5		4		21	
famílias com + 3 - 5 ha	9		6		14		29	
famílias com + 5 - 7 ha	2		2		3		7	
famílias com + 7 - 10 ha	-		-		3		3	
famílias com 0 - 1 ha	11	27,5	19	46,3	-	0	30	27,5
famílias com + 1 - 3 ha	18	45	14	34,1	7	26	39	36,1
famílias com + 3 - 10 ha	11	27,5	8	19,5	20	74	39	36,1
variação das áreas (ha)	0 - 6		0,1 - 7		1,5 - 9		0 - 9	
total famílias entrevistadas	40	100	41	100	27	100	108	100
total área (ha)	105		78		125		308	
área média por família	2,6		1,9		4,6		2,85	
média com chefe de f. homem			2,0					
média com chefe de f. mulher			1,5					
média chefe homem +50 anos	3,5		2,2		4,7			
média chefe homem - 50 anos	1,7		1,6		4,5			
proprietários e herdeiros	10	25	26	63,4	-	0	36	33,3
possesores	29	72,5	-	0	27	100	56	51,9
propri./herd. + arrendatários	-	0	11	26,4	-	0	11	10,2
arrendatários s/ terra própria	-	0	4	9,8	-	0	4	3,7
sem terra	1	2,5	-	0	-	0	1	0,9
total famílias entrevistadas	40	100	41	100	27	100	108	100
propri./herd./possesores	39	97,5	26	63,4	27	100	92	85
propri./herd./arrendatários	-	0	11	26,8	-	0	11	10
arrendatários/sem terra	1	2,5	4	9,8	-	0	5	5

**Sistema e Condições de Produção**

Item	Altos	Umari	Paquevira	Total
	n	n	n	n
	%	%	%	%
TOTAL famílias entrevistadas	40	41	27	108
roçado:	37	38	25	100
fam. com milho/feijão/fava	38	41	27	106
fam. com mandioca/macax.	34	35	27	96
fam. com inhame/cara	9	22	21	39
fam. com batata doce	6	17	12	35
fam. com tomate/pimentão	7	17,5	2	12
fam. com hort. caseira	16	40	21	55
quintal/pomar:	18	43,9	21	59
fam. com bananeiras	33	82,5	27	95
nº de bananeiras	2.085	446	73.440	75.525
média / família c/ bananeiras	63	13	2.720	2.883
variação nº bananeiras	2 - 500	1 - 50	20 - 25.000	20 - 25.000
fam. com laranjeiras	25	62,5	25	87
nº de laranjeiras	129	212	1.601	1.820
média / família c/ laranjeiras	5	5,7	64	69,7
variação nº laranjeiras	2 - 15	1 - 25	3 - 500	3 - 500
fam. com mangueiras	35	87,5	26	97
nº de mangueiras	225	292	298	815
média / família c/ mangueiras	6	8	11	15
variação nº mangueiras	2 - 40	1 - 50	2 - 100	2 - 100
fam. com coqueiros	13	32,5	14	49
nº de coqueiros	58	86	76	134
média / família c/ coqueiros	4	4	5,4	9,4
variação nº coqueiros	1 - 8	1 - 15	1 - 11	1 - 11
fam. com jaqueiras	25	62,5	25	90
nº de jaqueiras	93	213	213	426
média / família c/ jaqueiras	4	8,5	8,5	17
variação nº jaqueiras	1 - 10	1 - 50	1 - 50	1 - 50
fam. com cajueiros	14	36,6	25	54
nº de cajueiros	91	37	1.850	1.941
média / família c/ cajueiros	6,5	2,5	74	80,5
variação nº cajueiros	2 - 15	1 - 5	2 - 1.000	2 - 1.000

Item	Altos	Umari	Paquevira	Total
	n	n	n	n
	%	%	%	%
criação animal:	35	87,5	27	100
fam. com galinhas	227	352	325	854
nº de galinhas	6,5	9	12	17,5
média / família c/ galinhas	1 - 50	1 - 30	2 - 40	1 - 40
variação nº galinhas	10	25	4	39
fam. com porcos	22	33	4	46
nº de porcos	2,2	1,7	1	4,9
média / família c/ porcos	1 - 4	1 - 6	-	1 - 6
variação nº porcos	12	30	13	55
fam. com cabras	21	31	19	70
nº de cabras	1,75	2,4	1,7	2,4
média / família c/ cabras	1 - 3	1 - 7	1 - 4	1 - 4
variação nº cabras	11	27,5	24	51,5
fam. com vacas	14	37	11	62
nº de vacas	1,3	1,5	1,1	2,9
média / família c/ vacas	1 - 4	1 - 3	1 - 2	1 - 3
variação nº vacas	31	77,5	22	100
fam. com bezerros	76	38	59	135
nº de bezerros	2,5	1,7	2,5	4,7
média / família c/ bezerros	1 - 10	1 - 6	1 - 5	1 - 10
variação nº bezerros	técnicas / condições de prod.	1	2,5	3,5
	24	60	12	96
	14	35	11	60
	16	40	10	66
	1	2,5	5	7,5
	28	68,3	12	100
	8	19,5	11	38
	27	65,9	10	75,9
	10	24,4*	5	39,4
	9	22	13	42
	31	75,6	10	85,6
	18	43,9	13	56,9
	4	9,8	11	14,8
	55	75,6	6	61,6
	3	7,5	3	10,5
	4	10	3	13
	5	12,5	7	19,5
	17	42,5	9	51,5

## O QUE É O SACTES ?

Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (SACTES), assim é registrado no Brasil o Órgão de Cooperação Internacional da República Federal da Alemanha, chamado DED - Deutscher Entwicklungsdienst, com sede em Berlim, sob forma jurídica de Sociedade Mista, formada pelo Estado alemão e por Organizações Não-Governamentais alemãs. Recebe seu financiamento do Ministério de Cooperação Econômica da República Federal da Alemanha.

O SACTES/DED foi fundado em 1963 para fomentar a cooperação entre a República Federal da Alemanha e os países em vias de desenvolvimento. A cooperação parte do suposto que as populações têm o direito a um desenvolvimento autodeterminado, respeitando a sua responsabilidade sobre este processo. A autonomia econômica, social e cultural, como também a remodelação das relações entre os países industrializados e os países em vias de desenvolvimento, não podem ser alcançadas somente com os esforços próprios dos países em vias de desenvolvimento. Também os países industrializados devem estar dispostos a reconsiderar e modificar os seus valores, objetivos e formas sociais de atuar. Portanto, o SACTES/DED deseja contribuir para o processo de aprendizagem na própria sociedade alemã, para nela despertar o interesse por uma nova política de desenvolvimento que esteja em conformidade com os interesses das populações dos países em vias de desenvolvimento.

Com estes princípios de atuação o SACTES/DED está presente em cerca de quarenta países na África, Ásia e América Latina. No Brasil atua desde 1965, dando cumprimento ao Acordo Bilateral celebrado entre os Governos dos dois países, com o escritório em Recife cooperando além do Nordeste e também no Sudeste e no Norte. O SACTES/DED

## Comercialização, Renda, Organização

Item	Alças		Umari		Paquetaria		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
total famílias entrevistadas	40	37	41	38	27	25	108	100
famílias comercializando:								
produtos do roçado	3	7,5	4	9,8	11	40,7	18	17
verduras (tomate/pimentão)	7	17,5	3	7,3	2	7,4	12	11
folhas	-	0	0	0	23	85,2	23	21
produtos animais	31	77,5	27	65,9	25	92,6	83	77
famílias sem comercialização	7	17,5	13	31,7	-	0	20	19
renda mensal da comercialização:								
fam. sem renda agro-pecuária	7	17,5	sem dados		-	0	-	
fam. c/ menos de 0,5 sal. mín.	20	50	8	19,5	18	66,7	31	29
fam. com 0,5 - 1 sal. mín.	10	25	7	17,5	7	25,9	14	13
fam. com 1 - 2 sal. mín.	1	2,5	2	4,9	2	7,4	8	7
fam. com mais de 2 sal. mín.	2	5	-	0	-	0	-	
total até 1 salário mínimo	37	92,5			25	92,6	42	39
outras fontes de renda:								
fam. com aposentadoria	11	27,5	23	56,1	8	29,6	31	29
fam. com salário regular	19	47,5	8	19,5	4	14,8	14	13
fam. com trab. alijado	3	7,5	6	14,6	5	18,6	14	13
fam. com ativ. comercial	4	10	2	4,9	2	7,4	8	7
fam. com outra ativ. conta pr.	6	15	3	7,3	3	11,1	12	11
fam. com remessas de ausent.	1	1,5	10	24,4	8	29,6	19	18
fam. sem renda não-agrícola	3	7,5	-	0	4	14,8	7	6
fam. com 1 ou mais sal. mín.	30	75	34	82,9	11	40,7	75	69
organização sindical:								
total famílias entrevistadas	40	100	41	100	27	100	108	100
famílias com associados STR	14	35	26	63,4	22	81,5	62	57
nº total de associados STR	16	100	27	100	25	100	68	100
dos quais homens	11	69	5	18,5	22	88	38	56
dos quais mulheres	5	31	22	81,5	3	12	30	44

não tem projetos próprios, mas coloca à disposição das instituições tanto estatais como privadas, pessoal técnico e profissionais devidamente qualificados para cooperar em projetos sociais destas instituições para o melhoramento das condições de vida da população. Hoje são mais de oitenta cooperantes trabalhando no Brasil.

Além desta cooperação, de envio de pessoal técnico, o SACTES/DED dispõe de recursos financeiros para apoiar instituições brasileiras Não-Governamentais nos seus projetos sociais, seja de subsidiar a remuneração de seus técnicos ou de apoiar a constituição de uma estrutura organizacional estável.

#### Escritório do SACTES no Brasil

SACTES - Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social  
Rua Joaquim Felipe, 101 - Boa Vista  
50050-340 Recife - PE  
Tel. (081) 221.0075

Coordenador Geral: Dr. Herbert Reufels  
Coordenador Assistente: Alfons Klausmeyer  
(Responsável pelo Setor de Publicações)

Sede do DED na Alemanha  
DED - Deutscher Entwicklungsdienst  
Kladower Damm, 299  
D-14089 Berlin (Kladow)



## O QUE É O CENTRO SABIÁ ?

O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá é uma sociedade civil sem fins lucrativos, comprometida com a construção de um novo modelo de desenvolvimento rural e ecologicamente sustentável, economicamente viável e socialmente justo, baseado na agricultura familiar.

O Centro Sabiá tem uma intervenção localizada em regiões do Estado de Pernambuco, desenvolvendo e acompanhando experiências em agricultura ecológica e agroflorestação junto à famílias de pequenos produtores rurais no município de Bom Jardim, região do Agreste Setentrional, em assentamentos da Mata Norte e no Sertão Central do Estado.

No âmbito das políticas públicas, o Sabiá direciona esforços para a formulação de propostas no campo da agroecologia e do enfrentamento à problemática da seca, participando de fóruns e redes temáticas pertinentes, tais como o Fórum Seca, a Rede Mata Atlântica, a Rede PTA, a Abong.

Através da interação das suas linhas de ação - diagnóstico, experimentação, acompanhamento, capacitação, intercâmbio, fomento, comunicação e difusão - o Centro Sabiá tem trabalhado desde o desenvolvimento de sistemas agrícolas nas propriedades dos pequenos produtores às proposições de políticas de desenvolvimento rural, que melhorem a qualidade de vida das populações do campo e da cidade.

Nos diferentes níveis da sua intervenção, o Sabiá atua em cooperação com o movimento sindical dos trabalhadores rurais, com várias organizações da sociedade civil e com diversos profissionais sensíveis à problemática rural do país. O Centro Sabiá tem desenvolvido seus trabalhos através da cooperação